

GUILHERMINA SUGGIA

—a maior violoncelista do mundo,
nascida e criada na cidade do Pôrto—

FALA-NOS DA SUA VIDA E DA SUA ARTE

Quando, no último quartel do século XIX, o violoncelista Augusto Suggia veio definitivamente para esta cidade, depois de haver lecionado, durante alguns anos, no Conservatório de Música de Lisboa, instalou o seu lar venturoso numa casa acolhedora e muito modesta da rua de Ferreira Borges. Sob o acção renovadora dum bem orientado projecto de urbanização, esse prédio foi mais tarde demolido, de maneira o permitir o alinhamento do modernizado perfil daquela rua. Foi pena, no entanto, que tal sucedêra, pois no fachada dessa moradia ficaria bem a honrosa distinção duma lápide de consagração cidadão—na evocação sugestivo do nome illustre de Guilhermina Suggia. Foi ali, nesse lar modesto e venturoso, no corinhoso aconchego duma família de artistas, que a mais famosa concertista de violoncelo viu pela vez primeira o luz da Vida. Nascêra bem-fadada para um destino auspicioso, como se na sua fronte, aureolada agora pelo diadema duma glória imortal, o «Génio» caprichasse nesse instante em depôr, enternecidamente, o «beijo espiritual» dos eletos.

Dotada dum precôce talento musical, límpido e trasbordante como a água pura das nascentes—bem cedo se revelou como *menina-prodígio*, sob a proficiente orientação de seu próprio pai—que nela se revia orgulhoso e deslumbrado, como um escultor insigne em face da sua obra-prima. E quando mais tarde, contando apenas sete anos de idade, a apresentaram em público, no consagrado salão de festas do antigo Clube de Matosinhos, todos os que a escutaram e a aplaudiram logo afirmaram, entre surpresos e maravilhados, que no céu misterioso da Arte havia despontado enfim uma nova *estrelinha de luz*... Com o rodar do Tempo, essa esperançosa artista de palmo e meio foi adquirindo, dia a dia, maior vulto, até se projectar, como um astro de primeira grandesa, no luminoso cartaz das celebridades de prestígio internacional. Entretanto, Guilhermina Suggia corréra as *sete partidas do mundo*, afeiçoara a sua sensibilidade sob o domínio duma técnica impecável, robustecêra e completára a sua cultura, convivera e comunicára com os auditórios mais exigentes e mais requintados, experimentára as delirantes sensações das grandes apoteoses e, caminhando sempre óvante e sempre insatisfeita, tornára-se, pela magia do seu *virtuosismo* de artista incomparável, a mais graciosa e gentil mensageira duma *saudade* bem portuguesa. Quem a ouvisse tocar, jamais a esqueceria—como se no seu violoncelo vibrasse o magoado e irresistível encanto duma nova lira de Orfeu, na sedução de Euridice através das tenebrosas paragens dos ciclos infernais...

Abriam-se-lhe de par em par os suntuosos salões dos palácios reais—dêda a faustosa residência do antigo Czar de Todas as Russias até a magnífica austeridade da corte imperial de Sua Majestade Britânica. E, fidalgamente acarinhada pelo público inglês, deixou-se ficar cativa da sua simpatia e do seu bem-querer. Não esquecerá nunca, no entanto, o seu querido torrão natal. Limitou, porém, o horizonte das suas ambições, comprazendo-se em viajar repetidas vezes entre as cidades do Pôrto e de Londres—entre o seu lar e o seu mundo. Inesperadamente, surgiu a nova Grande Guerra. A *divina* concertista aconchegou-se um pouco mais na intimidade da sua vida doméstica—naquêle seu elegante refúgio da rua da Alegria. É uma casa-modêlo, com seu relicário de adoráveis recordações e um pequenino museu de belas preciosidades—um lar venturoso, que é uma síntese do *home* britânico, com o seu confort, a sua quietude, o seu bom-gosto e aquêle seu encanto, em que há um não sei quê de estranha religiosidade...

NA HORA DO ESTUDO...

Quando ali a procuramos ontem, para a entrevistar, Guilhermina Suggia, recolhida ainda no seu gabinete de música, ensaiava no seu precioso «Stradivarius» os harmoniosos acordes dum trecho de Beethoven. O som vibrante daquêle instrumento mágico tinha as vibrações dolentes do comovido lamento duma voz humana. Yinha do alto, do andar superior, e parecia despertar, na morna tranqüilidade daquela acolhedora moradia, a maravilhosa aparição dum mundo fantástico de coisas irreais. Subimos, pé ante pé, os alcatifados degraus duma escadaria bem lançada. O lamento daquela voz humana era agora mais vivo ainda e apoderava-se dos nossos sentidos, num arrebatamento irresistível. Avançamos mais alguns passos e, pela porta entreaberta, surpreendemos a intimidade daquêle retiro espiritual. Uma estante-secreta, dum estilo muito sóbrio e elegante, junto da qual desmaiavam, entre lágrimas de orvalho, algumas camélias duma alvura imaculada. Um armário antigo, de sobêrba talha e bons metais. Tapetes de subido valôr—um dos quais proveniente das mãos habilíssimas dos nômadas dos desertos orientais. E ainda, aqui e além, como um gracioso pormenor de arte decorativa, um ou outro móvel de muito bom-gosto e de boa marca—autênticos «chippendale». Porcelanas de alto preço, telas e esculturas de autôres consagrados e, em lugar de honra, como se fôra um *ex-voto* de amorosa intenção, uma reprodução fotográfica do famoso quadro de Augustus John, representando Guilhermina Suggia—voluptuosamente abraçada ao seu violoncelo no momento em que nêle fazia vibrar os derradeiros compassos duma arrebatadora «sinfonia». Foi essa a obra-prima daquêle talentoso retratista—o mais célebre pintor inglês da actualidade. Essa tela magnífica, que obteve a mais alta distinção numa exposição de artistas de renôme, realizada há anos na América do Norte, foi adquirida, por um preço fabuloso, pelo multimilionário Lord Dween—que, por seu turno, a ofereceu, como dádiva principêscia, à «Tate Gallery», ficando assim pertença do património artístico do próprio Estado.

A voz humana do «Stradivarius» continua a vibrar ainda na sua súplica harmoniosa. Como que alheada de si-mesma, a genial concertista parece transfigurada num êxtase de profunda concentração espiritual. Foi assim mesmo que a surpreendeu certo dia, num concêrto em Manchester, o consagrado escritôr e ensaísta Havelsch Ellies, que, no seu notável livro «Impressions and Comments», confessa têr então experimentado, pela primeira e única vez na sua vida, o suavíssimo milagre da revelação ideal da mais pura emoção artística. E, em frases duma literatura plástica, descreve, como se fôra um estêta, a atitude quasi hierática da figura egípcia dessa artista inigualável—de cabelos soltos sobre os ombros, amplas roupagens de variadas cores, um meigo sorriso nos lábios muito finos e uma suave tristeza no olhar magoado...

Findára o encanto daquela hora de estudo. Guilhermina Suggia vem logo ao nosso encontro, estendendo-nos, gentilissimamente, os afusados dedos das suas mãos patricias. Elegante e distinta; deixou, por momentos, de ser a Artista—para ficar apenas a Mulher. A inspiradora da famosa de Augustus John adôrou-se agora na discreta serenidade dos mais nobres modêlos dos quadros de Lazlo. Sentamo-nos a seu lado, num convívio quasi familiar, junto do esperto fogão de sala, donde se evola, entre lín-

Surpreendeu-nos mesmo o aliciente á-vontade daquela *causerie*, de tal modo estavam habituados a ouvir dizer que Guilhermina Suggia não se deixava entrevistar. Ela mesma, com a subtileza do seu espírito cintilante, quiz esclarecêr este assunto:

—Há um certo fundamento de verdade nisso que dizem a meu respeito. Tenho evitado, muitas vezes, a concessão de entrevistas para os jornais ou revistas, tanto nacionais como estrangeiros. Receio sempre possíveis *complicações*, embora eu seja a primeira pessoa a concordar com a necessidade de confiar a alguém os lances mais emotivos e ainda inéditos das *memórias* da minha vida de artista. A Imprensa mereceu-me sempre a mais alta consideração e tenho pelos jornalistas a mais devotada simpatia. Não me esqueço, nem me esqueci nunca, das atenções que lhes devo e do carinhoso estímulo com que acarinharam os primeiros sucessos da minha carreira, quando eu era ainda e apenas uma *menina-prodígio*. Quantas vezes recordo os bons conselhos dos críticos de Arte desse tempo, dêde o Arroio ao bondosíssimo «Pai Ramos». Esses ficaram, para sempre, na minha enternecida gratidão.

E logo acrescentou, a-propósito: —Certo dia, ao chegar a uma localidade do interior da Inglaterra, onde deveria participar num concêrto, fui abordada, logo que me apeei do comboio, por



Guilhermina Suggia estudando, na intimidade do seu lar

guas de fogo, o perfume resinoso dum brazeiro crepitante.

POR CAUSA DUMA «ENTREVISTA»...

E, como se fôssemos apenas dois bons amigos, que ali se encontrassem de novo após uma ausência muito prolongada, conversamos animadamente—no ritmo duma *entrevista jornalística*, que por nós havia sido solicitada. Nem atitudes precebidas, nem perguntas premeditadas.

um *reporter* dum jornal que, à viva força, pretendia que eu lhe concedêsse ali mesmo uma breve *entrevista*. Não pude atendê-lo, não só por não saber o que deveria dizer-lhe e sobretudo pela circunstância de ser então a vez primeira que eu visitava aquela localidade. Desculpe-me conforme pude. No dia seguinte, o referido jornal publicava uma *faixa entrevista* comigo, afirmando-se que eu dissera que o público inglês da província

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

GUILHERMINA SUGGIA

➔ Continuado da 1.ª página

Não sabia apreciar devidamente a boa música. Tive apenas conhecimento do sucedido já quando me encontrava no salão de concertos. Reparei, então, que alguns espectadores tinham aberto na sua frente o referido número daquele jornal, como se lessem atentamente a minha depreciativa referência à sua cultura musical. Houve quem me aconselhasse a justificar-me perante o auditório, mas eu preferi manter-me em silêncio, depois de meditar no avisado conceito daquele aforismo francês: «*Qui s'excuse, s'accuse*» — que é como quem diz, em bom português: «*Quem muito se desculpa, compromete-se*». Concentrei em mim a desgraça desse desgosto que me pungiu várias vezes. E, quando comecei a tocar, o violoncelo falou por mim a todos quantos me escutavam. Quando acabei, a assistência quasi delirou no entusiasmo, dum manifestação de apoteóse — que eu agradecei de lágrimas nos olhos. Não mais esqueci essas aplausos e essas aclamações, assim como não esqueci nunca o imprudente e ousado repórter que, tão malevolamente, me colocara numa situação delicada perante um público que apenas me conhecia de nome.

E comentou, sorrindo: — Desde, então, evitei sempre que uma dessas cenas pudesse vir a repetir-se... Mas, como vê, a culpa não foi minha...

A «MENINA-PRODIGIO»

Retomou-se o fio da despreocupada *couserie*. Guilhermina Suggia faz reviver agora, na sua voz bem timbrada e nervosa, os despreocupados tempos da sua meninice, quando se fazia então aplaudir na companhia de sua irmã Virginia — uma talentosa pianista, que, tendo sido discípula de D. Teresa Amaral, ficou mais tarde a sua residência em França, onde vive ainda, como esposa do célebre livreiro e editor parisiense Léon Pichon. Com treze anos de idade apenas, entrou, como violoncelista, para o famoso *quarteto de música de câmara* do Orfeão Portuense, tendo como violinos Moreira de Sá e Henrique Carneiro, e como viola o inspirado José Gouveia. A extraordinária virtuosidade daquela *artista-boneca* maravilha os auditórios mais exigentes — que a consagravam e a distinguiam sempre com os seus mais calorosos aplausos. Aquella *quarteto* deu alguns recitais em Lisboa, ficando memorável a colaboração de Guilhermina Suggia num concerto da Academia dos Amadores de Música, em Março de 1901. Foi, então, convidada a tomar parte numa *festa elegante* que, sob os auspícios da família real, se efectuou no Palácio das Necessidades. A jovem concertista esteve numa das *soas tardes felizes*, fazendo-se ouvir na orquestra de D. Carlos e de D. Amélia, do príncipe D. Luís Filipe e dos infantes D. Afonso e D. Manuel, assim como da rainha D. Maria Pia — com quem mais tarde deveria encontrar-se, na estância terminal de Carlsbad.

Findo o recital, a rainha D. Amélia, abeirando-se da esperançosa artista, perguntou-lhe o que era que ela mais queria. Ao que Guilhermina Suggia respondeu, sem hesitar:

— A minha maior ambição é completar os meus estudos no estrangeiro.

NAQUELA TARDE, EM LEIPZIG...

É esse *sônho* realizou-se. Não é sem uma pontinha de emoção que a nossa entrevistada relembra esse instante venenoso, que deveria influir, decisivamente, no glorioso futuro da sua triunfal carreira de artista:

— Isso para mim foi dum utilidade inapreciável. Eu possuía já, como qualidade inata do meu temperamento, a chamada *feição romântica* da Música; faltava-me, no entanto, o domínio dum técnica impecável. Segui para a Alemanha, para me matricular no Conservatório de Leipzig, sob a proficiente orientação do insigne Julius Klengel. Fiquei degeando a esse Mestre bondoso e simpático as maiores provas de sapientíssima e de encorajamento. Não quiz admitir-me no Conservatório, pois considerava-me superior aos demais alunos. E, para confirmar a sua confiança em mim, não me ensinou nunca a *cantilena* dum *andamento lento*, declarando sempre que eu a cantava bem melhor que ele, porque dentro de mim havia uma intuição perfeita, que era apenas um produto imaterial da própria Natureza. E, assim, com 17 anos incompletos, fui excepcionalmente autorizada a tocar em público na maior e na mais consagrada das *salas de concertos* da Alemanha — na *Gewandshaus*, de Leipzig, sob a regência do *imortal* Artur Nikisch. Não havia tocado ali nunca um artista tão jovem como eu, e pela vez primeira se apresentava uma mulher, como artista e como executante, sobre o estrado dessa sala — que era por muitos considerado como um altar sagrado do divino templo da Arte. Toquei, nessa tarde memorável, o *concerto* de Volkmann. Os *fados* foram-me propícios. O auditório, entusiasmado, aplaudiu-me demoradamente e reclamou, entre aclamações, que eu repetisse o trecho musical que acabara de interpretar, com emoção e boa técnica. Isso não era permitido pelos austeros regulamentos daquela *sala de concertos* — onde os programas não poderiam nunca ser interrompidos, para prosseguirem sempre conforme a sua respectiva organização. A assistência insistiu no seu deliberado propósito de que eu deveria *bisar* o *concerto* de Volkmann. Então, Nikisch — o *imortal* Nikisch — consentiu, pela vez primeira na sua vida, que tal se fizesse, ainda que com a condição expressa de que eu repetiria esse número, como *extra*, no final da segunda parte do *concerto*.

Como que transportada a esse ambiente de apoteóse, Guilhermina Suggia não conteve agora estas palavras de enternecida saudade:

— Os aplausos e as aclamações que então me dispensaram ficaram para sempre nos meus ouvidos, na minha memória e no meu coração...

MARÇA TRIUNFAL...

Começou, desde então, a sua triunfal peregrinação artística através da Europa — acarinhada sempre pela *crítica* mãe austeramente e escutada, religiosamente, por um público de escol. A sua *beleza de estilo* e a insuperável perfeição do seu *fraseado* situaram-na logo no primeiro plano dos artistas geniais, a-par d'esse outro mago do violoncelo, o catalão Pablo Casals.

Suggia recorda também essa *rivalidade* e comenta — com elegância e nobreza:

— Que pena que ele não possa vir agora até Portugal. A *crítica* colocou-nos sempre em face um do outro, num equilibrado confronto de valores. Pablo Casals considera-me a maior violoncelista do mundo. Por minha parte, apenas me resta pagar-lhe na mesma moeda.

E logo acrescentou, num sorriso de bom-humor:

— Seremos, nesse caso, duas glórias peninsulares, como se o Destino houvesse caprichado em que eu e ele nascêssemos em nações vizinhas do extremo ocidental da Europa...

Após uma forçada ausência por terras estranhas, Guilhermina Suggia regressou à terra que lhe fôra berço, para ser vitoriosamente aclamada perante o seleccionado auditório do Orfeão Portuense. E, logo a seguir, em 9 de Junho de 1903, tomava parte num concerto em benefício da *Assistência Nacional aos Tuberculosos*, correspondendo, assim, a um apelo feito pela sr.ª D. Amélia de Orleans e Bagança — que para ela fôra um dia dum magna unanimidade de verdadeira rainha.

E, uma a uma, a eminente concertista vai lendo e comentando as *páginas de ouro* do maravilhoso *livro de recordações* da sua vida romântica, de Artista e de Mulher. Na sua voz, bem timbrada e nervosa, parece vibrarem, de quando em quando, harmoniosos acordes do seu precioso violoncelo — um famosíssimo *«Stradivarius»*, marchetado de pérolas, pelo qual um antiquário norte-americano ofereceu há tempo a bonita soma de sete mil libras esterlinas. Ouçamos, de-novo, Guilhermina Suggia — nas suas confidências, nas suas divagações:

— Toquei em todos os palácios reais e presidenciais da Europa, na presença de Chefes de Estado e dos vultos mais destacados da vida política, social e artística do Velho Mundo. Viajei muito, enamorada sempre do contacto com variadas paisagens e gostei usas e costumes diferentes. Não gostei nunca da monotonia — que é sempre uma nota triste e discordante na adorável harmonia da Vida. Por toda a parte fui vitoriosa e de todos guardel sempre uma grata recordação — através da Espanha, da França, da Alemanha, da Austria, da Rússia, da Inglaterra, da Bélgica, da Holanda, da Dinamarca, da Escandinávia, da Itália, da Suíça, da Checoslováquia, da Turquia e dessa Polónia martirizada e heroica, onde a Música encontrou sempre um ambiente de mística adoração... Fiquei, porém, cativa da aliciente hospitalidade britânica. Posso mesmo afirmar que quasi não conheço os hotéis de Londres, de tal modo sou ali solicitada por distintas famílias que me honraram sempre com a mais sincera amizade. Freqüentei, como artista, a corte imperial inglesa — desde os venturosos tempos de Eduardo VII. A actual rainha, quando era apenas duquesa de York, não se esqueceu nunca de me convidar para tomar parte, como concertista, nas grandiosas festas de beneficência que ela mesma organizava a favor dos hospitais londrinos. De tudo isso ficaram sempre no meu espí-

rito as mais enternecidas recordações — todo o mundo espiritual da minha comoda saúde. Convivi, então, com as individualidades de mais elevado prestígio do Reino Unido: — nobres titulares, estadistas, médicos e cirurgiões de categorizado renome, pintores, escultores e literatos. E — por uma singular coincidência — quasi não convivi, em Inglaterra, com artistas musicais.

CHAMBERLAIN E BALFOUR...

E relembra, comovidamente:

— Austen Chamberlain era notoriamente conhecido como um *anti-musical*. Sempre que tivesse de assistir a um concerto de música de câmara ou a uma recita de ópera, era certo e sabido que ou se retirava discretamente ou adormecia no seu *fauteuil*. Apenas duas vezes conseguiu vibrar de entusiasmo: — ao ouvir-me tocar num *recital de Arte* e ao assistir a voz melodiosa do antigo diplomata e famoso cantor inglês Gervásius Cary Elves, vítima dum trágico acidente ferroviário, ocorrido nos arredores de Boston, em 1921. A viuva dêste malogrado artista, cujo busto foi votivamente descerrado na consagrada sala de concertos do *Queen Hall*, ao publicar, em volume, as *Memórias* de seu marido, reproduz o texto dum carta de Austen Chamberlain, em que este declara que apenas conseguiu vislumbrar um *relampago* de emoção estética quando escutou aquela voz de tenor maviosíssima ou ouviu o maçoado lamento da minha alma nos soluços do meu violoncelo...

E recorda ainda:

— Certa tarde, num dos períodos mais atribulados da outra Grande Guerra, o ministro Balfour escutava-me na intimidade dum recital aristocrático. Executava eu a *suite* de Bach no momento em que o secretário particular daquêle eminente estadista entrou na sala para lhe confidenciar, muito em segredo, uma informação que implicava com a solução urgente dum delicado problema de Estado. Tudo isso se passou num breve instante e com uma subtilidade de experimentados diplomatas. Eu, no entanto, compreendia que alguma coisa de muito grave havia ocorrido e, serenamente, eshocei num sorriso a intenção de interromper a *suite*. Balfour, imperturbável e gentil, fez-me sinal para que eu continuasse. A minha alma, anéstiada pela incerteza do que teria acontecido, transmitiu ao meu *«stradivarius»* o sentimento profundo dum aincinadora ansiedade. E ao terminar, Balfour, sempre fidalgo e discreto, honrou-me com estas palavras — que eu julgo ouvir ainda: «*Seria um crime imperdoável tê-la «brigado a interromper o seu concerto. Fiquei maravilhado e parece-me que a sua interpretação me inspirou providencialmente para eu poder resolver um problema que se considerava insolúvel»*...

NA ARTE E NA VIDA

E, logo a seguir, esta confidência — dum delicadeza bem feminina:

— Os artistas devem conviver apenas, como artistas que são, no mundo espiritual da Arte. Eu, que sempre me interessei por questões de medicina, casei-me com um médico — que, por ventura minha, é um apaixonado admirador da arte musical. Dêste modo, na intimidade do nosso lar, podemos trocar sempre impressões que delectam o nosso espírito, sem ficarmos apenas limitados à monotonia dum tema único. Por isso mesmo, considero-me invejavelmente feliz. De resto, eu aprecio muito a quietude dum *home* confortável — o aconchego dum lar acolhedor. Interesse-me por tudo o que diga respeito a arte decorativa — por que não confessá-lo?... — senti sempre uma irresistível paixão pelos mais raros tapetes orientais e pelos cães da mais apurada raça do *«scottish-terrier»*. Sofri, há poucos meses ainda, um dos maiores desgostos da minha vida com a morte dum desses cachorritos — o meu querido «Sandy». Foi meu companheiro e meu confidente durante muitos anos. Era um animal invulgarmente inteligente, humilde, dedicado e meigo. Tinha a ilusão de que ele *conversava* comigo, que sorria quando eu estava contente e que chorava quando me via triste. Era para ele que eu tocava, no isolamento, quasi clausal, do meu *gabinete de estudo*. O «Sandy» ageitava-se, então, sobre as almofadas dum *fauteuil*, apoiava o focinho numa das patas dianteiras e, assim, quedava-se silenciosamente — como que sentindo as vibrações harmoniosas do meu violoncelo. Chorarei sempre a sua perda — que é para mim irreparável. E ainda agora, sempre que toco, no recolhimento do meu lar ou em público, julgo vêr surgir na minha frente o olhar muito meigo e muito inteligente desse cachorrito, que parecia compreender e sentir as mais delicadas subtilidades do meu temperamento de mulher e de artista...

Guilhermina Suggia é uma fervorosa propagandista do desporto. Ela mesma o confirmou agora:

— Eu tenho praticado, desde muito nova, algumas modalidades desportivas, interessando-me, principalmente, o *tennis*, a natação e o *rêmo*. Tentei praticar o *golf*, mas tive de desistir, porque ao tentar o primeiro *volê* desloquei o pulso direito.

DA MÚSICA CLÁSSICA E DA MÚSICA MODERNA

Mas logo a *entrevista* muda de *tom* — para se integrar, de-novo, no cadenciado ritmo dum tema musical:

— Prefiro a música clássica — especialmente a dos séculos XVII e XVIII. Bach e Beethoven — acima de todos. Depois Haydn, Schumann, Schubert, Brahms, e tantos e tantos outros. Foi pena que Mozart — o maior *contrapautista* de todos os tempos — não tivesse escrito qualquer composição exclusivamente para violoncelo. Eu gosto de interpretar, como sinto, a música de Bach. Quasi sempre, as suas composições são executadas com demasiada *austeridade*, quando é certo que o seu autor não era possuído dum tal temperamento, pois êle próprio escreveu, para educação dos seus filhos, diversas músicas cadenciadas no agitado ritmo das danças. Antes de se interpretar a obra dum artista é preciso compreender e sentir a delicadeza espiritual do seu temperamento. De outro modo, é *falsar* a Arte...

E, a-propósito, acentuou depois:

— A minha predilecção pela *música clássica* não me impede de apreciar também a *música moderna*. Devo dizer-lhe

mesmo que me interesse por esta música e que a *estudo* sempre que posso. Ela tem por vezes sonoridades estranhamente desharmoniosas, mas devemos concordar que é igualmente sem harmonia o silvo agudo dum locomotiva ou o violento roncar dos motores de um avião-gigante. A *música moderna* define, na linguagem musical, a expressão exacta da vida contemporânea — feita de sobressaltos, de violências, sob o dinamismo impetuoso da vertigem. A *música clássica* é a imagem da *vida romântica*, na expressão sublime do mais puro anseio espiritual — a música do Amor, do Heroísmo, da Paz, da Resignação e da Ternura.

DA MÚSICA DE CÂMARA

Fez-se um breve silêncio — apenas ferido agora pelo compassado *tic-tac* dum antigo relógio inglês, que parecia *adormecido* junto da chaminé do *fogão* crepitante. E, depois de termos andado por longínquas paragens, fixamo-nos, por alguns momentos, no limitado ambiente do nosso meio artístico. Guilhermina Suggia interveio imediatamente — como que preleccionando sobre um assunto do seu particular interesse:

— É preciso intensificar-se cada vez mais no nosso País um culto muito sincero pela arte musical. Torna-se indispensável construir *salas de concerto*, que, à semelhança do que há lá fora, poderiam ser utilizadas também para a realização de conferências de divulgação cultural. Essas *salas* deveriam comportar apenas umas seiscentas a oitocentas pessoas e seriam dotadas das imprescindíveis condições de segurança e conforto, a-par dum acústica impecável e dum excelente e equilibrada distribuição de luz. Estou convencida de que o admirável *batismo* dos portuenses e o seu arrojado espírito empreendedor poderiam tornar em realidade uma tão útil iniciativa — para a qual eu desejaria contribuir com a mais dedicada solicitude. Poderíamos, então, realizar concertos musicais num *«clima»* apropriado. Convém não esquecer nunca que um executante pode ser gravemente prejudicado por um pequenino *pormenor* que perturbe a serenidade do seu espírito — desde a perturbadora delicadeza dum perfume exquisito até à luz crua e violenta das *gambiaras*. A *música de câmara* requiere um ambiente quasi familiar, de igual modo que a voz dum órgão apenas se espiritualiza no silêncio angusto e profundo das grandes naveis dum catedral gótica.

E esclareceu:

— Os efeitos de luz são de alta importância para quem executa e para quem ouve — para o artista e para o auditório. O célebre compositor russo Scriabin escreveu, sob o domínio dos contrastes da luz e do som, a sua magnífica sinfonia *«Prometheus»*. Assisti à sua primeira audição, na própria residência do autor, em Moscovo. Foi um espectáculo maravilhoso. Aquella *sinfonia* foi executada caprichosamente — com as mais diversas modalidades — de tom em íntima concordância com as adequadas *nuances* de luz...

O VIOLONCELO E O VIOLINO...

E logo se entenece — como que alheada de si mesma:

— Confesso que adoro apaixonadamente a arte musical. O violoncelo é, para mim, o instrumento que melhor reproduz o angustiado lamento da voz humana ou a expressão triunfal dum cântico vitorioso de Resgate e de Amor. Para se tocar violoncelo é preciso estreitá-lo num amoroso anplexo — como se fôra uma mãe carinhosa em balanço um filho bem-amado. Se reparar bem, verificará, por exemplo, que a posição do violino, na tensão do braço esquerdo, traz uma atitude de *ajustamento* — contrariamente à do violoncelo, que apenas define *confidência, intimidade*... De resto, devo dizer-lhe que apenas uma vez na vida um *violino* me comoveu até às lágrimas — quando, numa tarde inesquecível, ouvi o *divino* Isaye interpretar o *concerto* de Beethoven. Foi apenas uma vez — e nunca mais...

Suggia falou-nos depois nos seus projectos dum demorada *tournee* pelo *Novo Mundo*, esperando demorar-se na América do Norte — onde não foi ainda, não obstante as reiteradas solicitações para excelentes contratos. Aguardará o regresso da desejada *paz* universal, para retomar então o seu *bordão de peregrinação* — transfigurado sempre na sedução mágica do seu maravilhoso *«stradivarius»*, que ao contacto das suas mãos parece despertar em si os suavíssimos acordes da lira de Orfeu.

LEGÍTIMO ORGULHO

E, erguendo-se em nossa frente, Guilhermina Suggia — a maior violoncelista do mundo — declarou-nos ainda:

— Não fui nunca contagiada do mal da inveja nem do mesquinho sentimento da vaidade. Confesso, no entanto, que me sinto orgulhosa de mim mesma. Não me envaideci, nem me envaideço — pelo que sou e pelo que valho. Como artista, sou sempre insatisfeita, buscando a todo o momento atingir a perfeição suprema. Estudo todos os dias — e estudo ainda, como outrora, para aprender o muito que me resta saber. Quando toco em público e sou feliz na minha interpretação, gosto que me aplaudam entusiasticamente, pois antes que o auditório se manifeste eu já me tenho *aplaudido* a mim própria, no íntimo contentamento dum sincero prazer espiritual. Eu sou o crítico mais austero do meu trabalho artístico. Por isso mesmo, quando me convenceo que não fui feliz na minha interpretação, não me envaidecem nem me comovem os aplausos ou as aclamações dos que me escutaram. Em minha consciência, essas manifestações são imerecidas. E, sendo assim, apenas as agradeço — mas não as aceito na reconhecida gratidão da minha alma de mulher e de artista...

E, estendendo-nos os afusados dedos das suas mãos patricias, Guilhermina Suggia deu por finda a nossa entrevista. Quando deixamos os alcantifados degraus da bem lançada escadaria daquela *casamuseu*, ouviu-se novamente a voz magoada e meiga do violoncelo mágico da talentosa artista. Esse lamento, profundamente humano, fez despertar à nossa volta um mundo estranho de aparições fantásticas — que nos transportaram ainda, nesse instante de despedida, às paragens maravilhosas dum vida espiritual...